

Doença da vaca louca

As notícias sobre a doença da vaca louca assustaram, de princípio, os habitantes da Europa. Com os olhos voltados para a Inglaterra, donde provinha a moléstia, preocupavam-se com a carne das vacas originárias da ilha. Parecia questão limitada a certo número de rezes e num dado momento. Repetiu-se, porém, o mal. Em dezembro último, *Le Monde Diplomatique* emprestou relevo ao problema. No espaço praticamente de uma página, cuidou do "grande risco da vaca louca" — la grande peur de la vache folle. E apontou "razões e desrazões de uma psicose". Demais, observou que a questão envolve responsabilidade dos seres humanos, porque a causa da moléstia poderá vincular-se ao uso de "farinhas animais", permitidas na Inglaterra e proibidas na França.



POR
JOSAPHAT
MARINHO

O susto atravessou, contudo, o continente europeu e chegou ao Brasil, com a revelação de doença que se assemelharia à da vaca louca, em ovelhas do Sul do país, que foram sacrificadas. Assim se procedeu, ao que parece, na incerteza do mal e para evitar sua expansão. E a imprensa acaba de anunciar que medidas de controle começam a ser adotadas nos Estados Unidos. Desse modo, o que era restrito à Europa ameaça estender-se a outras partes do mundo. Pior é que a moléstia não acarreta apenas a perda dos animais por ela atingidos. A carne utilizada poderá transmitir a doença aos seres humanos.

Ora, não conhecida, seguramente, a causa da moléstia, suscetível de transmissão ao homem, o receio generaliza-se, sem limites. A amplitude e a velocidade dos negócios, hoje, em todos os povos, propiciam a importação de rebanhos, de difícil controle rigoroso sobre as condições de saúde. Nos países menos atentos a fiscalização sanitária, maior será o perigo da contaminação. Onde a população humana não dispõe de meios suficientes de assistência, o risco pode penetrar e crescer, com rapidez. Não há exagero nessa ponderação, considerando-se a atenção que os governos europeus já dedicam ao problema. E, se o mal se repete, é porque não foram domi-

nadas suas causas.

Ocorre que pode haver país com outro tipo de vaca louca, igualmente sem exata identificação. O perigo, portanto, se reveste de dupla face para o próprio rebanho humano. A situação geral exige, assim, procedimentos comuns, de caráter preventivo, sobretudo no propósito de impedir a proliferação da vaca louca. Enquanto for um tipo, ou mesmo forem dois, o combate será evidentemente mais fácil, e mais reduzido o

risco para os rebanhos em geral.

Convém não esquecer o exemplo de moléstias que lavraram grandemente entre nós, foram em seguida combatidas com perseverança, e, sobrevivendo o des-caso, começaram a crescer em diferentes regiões. É o que vem ocorrendo com a tuberculose. Depois de campanha vitoriosa, imaginaram muitos que estava extirpada. Não foram devidamente considerados os motivos pessoais e econômicos que atingem saliente parcela da população, sobretudo entre os mais pobres. Daí o recrudesimento do mal, que os especialistas reputam assustador. A retomada do combate requer espírito de alta missão, porque a fase de desinteresse amorteceu a capacidade de ação e a confiança na eliminação da moléstia. Quando uma outra enfermidade atinge animais e pode alcançar o ser humano, é justo que haja mobilização acima de divergências e preconceitos. Se doenças afins podem conjugar-se, gerando novos males, prudente é impedir a reprodução, em vez de aguardar o avanço da mazela. A sabedoria popular ensina, e a experiência confirma, que é melhor prevenir do que reprimir.

Se já existe o perigo de uma vaca louca, o senso prático aconselha que se evite o de outra, assim se protegendo o rebanho animal e resguardando o "gado humano".

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS

QUANDO UMA
ENFERMIDADE
ATINGE ANIMAIS
E PODE
ALCANÇAR O
SER HUMANO, É
JUSTO QUE HAJA
MOBILIZAÇÃO
ACIMA DE
DIVERGÊNCIAS
E PRECONCEITOS